

Judas Iscariotes e seu Significado para a Compreensão da Misericórdia Divina e do Autoperdão

Tânia Santos de Melo <tania.taniamelo@gmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar os ensinamentos que o Cristo traz a humanidade por intermédio do personagem Judas Iscariotes, que ficou execrado na memória coletiva como o maior traidor da história do Cristianismo. Neste sentido, buscou-se apresentar a descrição do personagem, os eventos que o envolveram e suas circunstâncias, bem como referências do que os espíritos disseram a seu respeito, naquele cenário, e em nova encarnação como Joana d’Arc, apresentando possíveis contribuições que o exame do personagem traz para ressignificar a culpa e o remorso; buscou-se ainda ressaltar a misericórdia divina e a necessidade da confiança e do autoperdão para a reabilitação da consciência do espírito endividado.

Palavras-chave: Judas Iscariotes. Joana d’Arc. Misericórdia Divina. Culpa. Confiança. Autoperdão. Reabilitação da Consciência. Ensinamentos do Cristo.

1. INTRODUÇÃO

Judas Iscariotes é um dos personagens marcantes na história do Cristianismo, e aparece na percepção popular como sendo exemplo de ambição e traição. No entanto, a forma como Cristo o trata no Calvário, na condição de amigo, e, segundo informações espirituais, o fato de que o Cristo foi após sua crucificação atendê-lo diretamente [1], indicam que ele tenha algum significado pedagógico para além do que o povo supõe.

Considerando que todos os fatos na vida de Jesus têm uma função pedagógica, a interrogação que emerge é a seguinte: como um personagem que ficou tão execrado na memória dos cristãos pode contribuir para os que seguem o Cristo?

O objetivo desse artigo é identificar os ensinamentos que o Cristo traz à humanidade por intermédio do personagem Judas e refletir sobre eles.

Há indícios – em obras espíritas respeitadas, como o livro Boa Nova, pelo Espírito Humberto de Campos, psicografia de Chico Xavier [2], – de que “o apóstolo ambicioso” poderia ser utilizado para realçar as necessidades de autoperdão e solicitude da misericórdia divina. A análise do personagem, os eventos que ele protagonizou, bem como os relatos dos espíritos podem trazer ensinamentos que contribuam para refletir tanto acerca de nossa postura íntima como filhos de Deus, como a respeito da nossa percepção sobre a misericórdia divina e sobre a necessidade do autoperdão, como destrave de amarras cognitivas de eternos pecadores, para avançarmos, enquanto espíritos imortais, criados para a perfeição e a felicidade plena.

O texto deste artigo foi desenvolvido em quatro sessões. Na primeira, é apresentada a descrição do personagem e os principais eventos que ele protagonizou; na segunda, é feita uma exegese dessas situações, à luz da Doutrina Espírita, para caracterizar contribuições pedagógicas; na terceira, é analisada a contribuição dos Espíritos para o conhecimento do personagem e suas circunstâncias; também é realizada uma coleta do que os Espíritos disseram a respeito dele, incluindo uma reencarnação como importante personagem na França; por fim, na quarta seção, apresenta-se uma síntese das possíveis contribuições que o exame do personagem aportam para a vivência dos ensinamentos do Cristo e da Doutrina Espírita. Nas considerações finais, buscou-se extrair a essência da percepção pessoal da autora sobre o personagem e daquilo que foi aprendido no desenvolvimento dos estudos sobre ele e em particular na preparação deste artigo.

2. DESCRIÇÃO DO PERSONAGEM E OS PRINCIPAIS EVENTOS QUE ELE PROTAGONIZOU.

Filho de Simão Iscariotes, tem seu nome derivado da forma grega Judá (louvor). O sobrenome Iscariotes é uma provável corruptela do hebraico Kerioth ou “homem de Queriote”. Era natural de Queriote, ao sul da Judéia, sendo o único dos 12 apóstolos que não era Galileu. Os habitantes da Judeia desprezavam o povo da Galileia como rudes colonizadores de fronteira. Essa atitude pode ter alienado Judas dos demais discípulos.

É provável que tenha conhecido Jesus durante alguma incursão do Mestre pelo território da Judéia, ou então a fama do Nazareno, entre aqueles cidadãos, a partir de seu batismo, teria despertado em Judas a curiosidade para fazê-lo seguir rumo a Galileia.

Não há referências pormenorizadas a Judas no Novo Testamento¹ antes da apresentação dos apóstolos. Desta forma, não há registro bíblico do momento de sua vocação como discípulo ou os pormenores que a envolveram.

É fato que Jesus o escolheu e o manteve no círculo até o fim, conforme se infere do relato de Marcos (3:13-15): “Depois subiu à montanha, e chamou a si os que Ele queria, e eles foram até Ele. E constituiu Doze, para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios”.

No colégio apostólico, teve sua importância. Exercia a função de tesoureiro do grupo, administrando os donativos que recebiam. Ele aparece sempre junto de Pedro (como na Última Ceia, Getsêmani, no processo de Jesus, etc.). Costumava chamar Jesus de Mestre e não de Senhor, como os demais.

É o discípulo contestador na unção em Betânia, ocasião em que João o chama de ladrão: “Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres?” (Jo 12:5). No versículo seguinte, João comenta que Judas disse isto “Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão [...]” (Jo 12:6).

Na primeira arrecadação dos discípulos, alertou para se conterem no que ultrapassasse o necessário. Quando foi apresentada a Jesus a bolsa minúscula por Judas Iscariotes, este disse: “- Senhor, a bolsa é pequenina, mas constitui o primeiro passo para que se possa realizar alguma coisa... Jesus fitou-o, serenamente, e retrucou em tom profético: – Sim, Judas, a bolsa é pequenina; contudo, permita Deus que nunca sucumbas ao seu peso!” [3].

O Livro “Luz Acima” [4] traz algumas histórias que referenciam passagens da vida de Jesus em que se pode observar o comportamento de Judas: “Quando Levi se reportava a alguns funcionários de Herodes, simpáticos ao Evangelho, dizia, mordaz: “São víboras disfarçadas. Sugam o erário, bajulam sacerdotes e deixam-se pisar pelo romano dominador [...] A meu parecer, não passam de espíões [...]”.

Em outra ocasião, quando uma amiga de Joana de Cusa ofereceu recursos para o grupo, Judas recebe a importância, porém traz o comentário ingrato: “- Guardo a oferta; contudo, não me deixo escarnecer. A doadora pretende comprar o Reino dos Céus, depois de haver gozado todos os prazeres do reino da Terra. Saibam todos que este é um dinheiro impuro [...]” [4].

¹ Os textos evangélicos utilizados são da Bíblia de Jerusalém (9ª edição, São Paulo: Paulus, 2002).

Em passagem em que Jesus abençoou Zaqueu e os serviços dele, Judas indignado exclama às ocultas: “– Este publicano pagará mais tarde [...] exerce avareza sórdida e ainda pretende o Reino divino! [...] Enganará o Mestre, não a mim [...]” [4].

Em razão de alimentar essas disposições, sofria a desconfiança de muitos. De quando em quando, via-se repellido delicadamente pelos demais discípulos. Porém o Cristo, sempre paciente, não perdia oportunidade de esclarecê-lo de forma afetuosa.

Na mensagem “O Discípulo Ambicioso” [5], podemos elencar algumas informações para auxiliar na compreensão da personalidade e encadeamento das ideias de Judas:

- Quando Judas, obcecado pela ambição, procurou Caifás no Sinédrio, trazia a cabeça incendiada de sonhos fantásticos;
- As paixões pelas riquezas transitórias empolgaram-lhe o espírito;
- Intentava resolver os problemas do Senhor perante as forças políticas do tempo;
- Valer-se-ia da influência prestigiosa dos sacerdotes, movimentaria Jerusalém, tomaria o cetro do povo israelita, em obediência as tradições dos reis e juizes do passado e, logo que fosse consolidado o poder, restituiria a Jesus a direção, a honra, a chefia;
- O Mestre ensinava a concórdia, a paciência, a tolerância, mas como efetuar as reformas necessárias através de simples atitudes idealistas?

O apostolado de Judas foi breve. Em função de seu suicídio, teve um ministério limitado ao tempo que esteve com Jesus, cerca de três anos apenas. Entretanto, neste período, atuou nas mesmas atividades que os demais apóstolos: “Jesus enviou esses Doze com estas recomendações: [...] Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios [...]” (Mt 10:5-8).

No episódio que antecede a prisão de Cristo (Mt 26:47-50), temos a importante narrativa:

E enquanto ainda falava, eis que veio Judas, um dos Doze acompanhado de grande multidão com espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes e dos anciãos do povo. O seu traidor dera-lhes um sinal, dizendo: “É aquele que eu beijar; preendi-o”. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: “Salve, Rabi!” e o beijou. Jesus respondeu-lhe: “Amigo, para que estás aqui?” Então, avançando, deitaram a mão em Jesus e o prenderam.

Após esses acontecimentos, Judas soube da condenação de Jesus. O sentimento de culpa o invadiu e ele foi até os príncipes dos sacerdotes dizendo: “Pequei, entregando um sangue inocente”. É quando os sacerdote respondem: “Que temos nós com isso? O problema é teu” (Mt 27:3-5).

O desfecho dos acontecimentos é a crucificação de Jesus; enquanto Judas, tomado de remorso, deserta do mundo através do suicídio, conforme relato em Mateus (27:5): “Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se”.

Na referência ao imaginário do Cristianismo, o dito mal apóstolo é apontado como o traidor, o amigo falso, o ambicioso, o revolucionário. Nas comemorações da Páscoa, ainda se observa o ato denominado “malhação de judas”, em que seu boneco costuma ser enforcado e colocado em postes ou queimado. Seu nome figura sempre por último nas citações evangélicas, onde sempre se inclui o termo “o traidor”.

3. CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS À LUZ DA DOUTRINA ESPÍRITA

Jesus o escolheu e o manteve no círculo até o fim. O que se infere é que Jesus deu a Judas as mesmas oportunidades que aos demais apóstolos de instalar o Reino de Deus e de com Ele conviver, dando-lhe também as mesmas deferências. A todos deu as mesmas instruções de curar os enfermos, purificar leprosos, expelir os demônios. Da mesma maneira, age com toda a humanidade, oportuniza a todos prodigalizem bons feitos, bastando para isso a vontade. Ele não elegeu entre o seu apostolado criaturas perfeitas. Ora, Pedro não o negou três vezes? Os três mais próximos – Pedro, Tiago e João – não dormiram na hora mais decisiva? Tomé não duvidou do seu retorno da morte? O que há de se considerar é que estes, após suas quedas, se levantaram e prosseguiram, prodigalizando grandes feitos na divulgação do Cristianismo. Os que vencem são os que confiam na misericórdia de Deus, no seu amor e prosseguem superando os desafios.

Em Mateus 26:50, a frase dita por Jesus a Judas “Amigo, para que estás aqui?”, indica primeiramente que Ele o amava, pois que se dirige a ele usando o termo “amigo”. Considerando Jesus como médium de Deus, admitimos que Ele sabia dos acontecimentos vindouros, assim como também conhecia profundamente o caráter de cada um dos discípulos, mas não deixou de fazer a referência que denota carinho, ainda que Judas fosse consumir a dita traição.

Outro aspecto que pode ser analisado é o questionamento que o Cristo faz: “para que estás aqui?”. Jesus sabia a razão e a intenção de Judas. Porém, talvez quisesse permitir a oportunidade de reflexão: Qual o nosso propósito? Quais são as nossas mais íntimas intenções em nossas ações? O Mestre sabia as intenções, mas perguntou para que Judas, em esforço cognitivo próprio, pensasse e respondesse a si mesmo.

Quando Jesus afirma na ceia da Páscoa que um dos discípulos o trairia (Mt 26:20-26), todos ficaram tristes e começaram a perguntar-lhe um por um: “Acaso sou eu, Senhor?”. Estaria aí um reconhecimento de que qualquer um deles poderia ser capaz de fazê-lo? Possivelmente, sim. Todos os apóstolos tiveram seu momento de fragilidade, de invigilância.

Outra contribuição para reflexão é a frase “O que comigo põe a mão no prato, esse me entregará” (Mt 26:25), ou seja, aquele que comungou, que teve acesso aos ensinamentos e estava em convivência. Muitas vezes são os amigos ou familiares, os mais próximos, que mais nos magoam ou exigem nossos cuidados. A vivência da Boa Nova é tarefa precípua no lar e onde convivemos com maior frequência. Divulgá-la é essencialmente vivenciá-la.

A citação feita em Mateus (27:3-5) do momento em que Judas cai em si sobre o que havia feito e tem como resposta dos sacerdotes: “Que temos nós com isso? O problema é teu”, traz a lição de que de tudo o que fazemos devemos contas a nossa consciência. Teremos sempre agentes em nossas vidas que podem nos incitar ao bem ou ao mal, mas a escolha é nossa, somos atraídos ao que temos afinidade.

Através dos relatos de alguns espíritos, temos a possibilidade de conhecer parte da trajetória de Judas após esse episódio singular na história do Cristianismo, as consequências deste ato e a reencarnação como uma importante oportunidade de se reerguer, reparando o mal perpetrado e o reajuste moral. Graças a essa contribuição, por meio da mediunidade, e que será relatada no item seguinte, podemos verificar como se deu o seu resgate e a atuação da misericórdia divina, sempre presente na vida das criaturas.

4. ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DOS ESPÍRITOS PARA O CONHECIMENTO DO PERSONAGEM E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS.

Na literatura espírita, encontramos algumas referências e histórias sobre o personagem Judas Iscariotes, sejam contribuições que revelam novas nuances das cenas descritas no Evangelho, sejam relatos de acontecimentos no plano espiritual, como também a informação de uma significativa reencarnação. Assim, os espíritos trazem ensinamentos que entendemos acrescentar elementos para análise, ampliando a possibilidade de compreender o personagem e sua contribuição para os cristãos.

Na obra Boa Nova [2], encontramos a mensagem “A Ilusão do Discípulo”. Nela o autor Humberto de Campos descreve uma cena que acontece entre Tiago e Judas.

Inquieto, ansioso, angustiado, atormentado, impaciente, eis algumas das características ou sentimentos atribuídos a Judas no referido relato. Em diálogo com o também apóstolo Tiago, Judas comenta que o Mestre seria demasiado simples e bom para quebrar o jugo tirânico que pesava sobre Israel; que seria necessário impor a figura D’Ele às autoridades e dar caráter menos teórico, demonstrando assim a sua dificuldade em compreender a proposta de Jesus, desatrelando-a dos padrões de conquista do mundo, pautados no material, no agora, no imediato, não ascendendo à compreensão da eternidade, do perene, do espiritual.

Tinha ânsia por renovação, por isso entendia que o caminho seria a revolução. Não estaria no caminho errado, não fosse a falta do entendimento da revolução pelo amor, da renovação interior. A vitória não era sobre César, mas sobre si mesmos.

Atentando primeiramente para o tema da mensagem “A ilusão do apóstolo”, o autor espiritual revela uma característica da ação de Judas. O termo “ilusão” significa erro de percepção ou de entendimento; engano dos sentidos ou da mente; interpretação errônea. Numa tentativa de trazer esse entendimento com o que se vivencia hoje, muitos ainda somos os iludidos. O Mestre falou que o seu Reino não era desse mundo, mas com grandes dificuldades a humanidade vive mais em razão da matéria, mais na condição apenas de *homo sapiens*², do que em prol do espírito imortal. Isso tudo não significa, entretanto, que não amemos o Cristo e que não sejamos capazes de dar nossa contribuição à sua obra.

Em outra obra, Crônicas de Além-Túmulo [6], o mesmo autor traz um capítulo intitulado “Judas Iscariotes”, em que relata um encontro e diálogo com o personagem, na antiga capital da Judeia, trazendo importantíssimas reflexões das quais citaremos algumas para ampliar a compreensão da personalidade de Judas, suas motivações e sua nova condição que o permite olhar com lucidez para as experiências daquela existência.

No referido diálogo, se reconheceu como um apaixonado pelas ideias socialistas do Mestre, porém alimentava um zelo excessivo pela doutrina. Acima dos corações via a política, considerando esta a única arma com a qual poderia vencer. O remorso o invadiu depois do desenrolar dos acontecimentos e o suicídio lhe pareceu, aos seus olhos ainda descrentes do amor do Cristo, a única maneira de se redimir.

Nesta mensagem [7] há também a indicação de uma de suas existências reparadoras como personagem Joana d’Arc.

[...] submergir-me em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da Doutrina de Jesus e as

² “homem sábio”; é o nome dado à espécie dos seres humanos; expressão usada por Henri Bergson para indicar o homem, único animal inteligente em face aos demais.

minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, em que imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vítima da felonía e da traição, deixei na Terra os verdadeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV.

Alírio Cerqueira na obra “A Prática da Mediunidade com Jesus” [8] também traz referências da relação entre Judas e Joana d’Arc como sendo o mesmo espírito.

5. SÍNTESE DAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES QUE O EXAME DO PERSONAGEM APORTA PARA VIVÊNCIA DOS ENSINAMENTOS DO CRISTO E DA DOUTRINA ESPÍRITA

Judas nasceu para trair? Era inevitável sua ação em razão do desfecho da história de Jesus na Terra e a lição aos homens? Nenhum Espírito nasce com a missão de fazer o mal. Muitos espíritos reencarnam com compromissos assumidos, prometendo fidelidade; porém, quando na carne, muitas vezes sucumbem as paixões, como no caso de Judas, que sucumbiu ao desejo pelo poder, a vaidade, o orgulho. Ele teve uma visão distorcida do significado da missão do Cristo na Terra.

Jesus conhecia Judas. Ele conhecia aquele espírito, suas crenças autodestrutivas, seu caráter e suas disposições. Da mesma forma, conhece cada um de nós e oportuniza que sejamos trabalhadores de sua seara porque é no exercício do amor, no trabalho no bem que temos recursos para nosso aperfeiçoamento.

Em O Livro dos Espíritos [9] encontramos a referência doutrinária:

Com cada homem, pessoalmente, Deus se ocupa? Não é Ele muito grande e nós muito pequeninos para que *cada indivíduo em particular tenha*, a seus olhos, alguma importância? – Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. *Nada, para a sua bondade, é destituído de valor.* (grifo nosso)

Jesus o orienta e alerta por amor. A dor só tem ação benéfica se nos acordar para o amor, no sentido de tomarmos consciência de quem somos e de nossos comportamentos equivocados que nos fazem mal. Não precisamos, portanto, cultivar a dor e o sofrimento para aprender e evoluir. A aceitação ou compreensão da condição de aprendiz nos faz enxergar provas e expiações como bênção e recurso e não como castigo.

O grande equívoco de Judas não foi a traição. O grande equívoco não foi a traição em si, mas o que decorreu disso, o fato de não ter recordado da misericórdia de Deus e ter se submetido ao suicídio.

Em resposta a Questão 126 de O Livro dos Espíritos [10] acerca dos que andaram pelo caminho do mal se têm aos olhos de Deus menos mérito do que os outros, os Espíritos respondem: “Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e *a todos ama com o mesmo coração [...]*” (grifo nosso).

A reabilitação de Judas - Ele vai ao encontro de Jesus. Em sua existência como a personagem Joana d’Arc deu contribuições importantes para a França, com consequências para o mundo. Foi a grande estimuladora para que a França tivesse unidade nacional, estimulou a ideia de pátria, sendo esse país o primeiro no mundo que se tornou uma nação [8]. Sem esse contributo, não teria como a considerada “cidade luz” ser o grande centro cultural da Europa e mais além proporcionar condições favoráveis para o trabalho desenvolvido pelo codificador da Doutrina Espírita.

Como Judas teve inicialmente uma trajetória de orgulho e rebeldia; como Joana d'Arc torna-se, como médium, exemplo de humildade, docilidade, confiança e fidelidade. Alírio Cerqueira levanta a questão: “O que levou Joana a realizar a sua missão, se não a sua profunda convicção e obediência dócil às vozes que ouvia, bem como o profundo amparo espiritual?” [11].

Joana tinha a personalidade marcada pela determinação, convicção e obediência dócil, mas, sobretudo, a confiança. Em seu martírio, manteve-se fiel a Jesus até o fim, representando a grande vitória de Judas Iscariotes sobre si mesmo.

Mesmo estando em guerra, Joana nunca matou ninguém, portava uma espada, mas não a usava, preferindo usar seu estandarte. Certa vez foi questionada se não tinha medo de morrer, ao que respondeu: “Não, só tenho medo da traição” [12].

Como Judas, foi instrumento da prisão do Cristo; passa por outras encarnações por suplícios em razão de ser cristão; como Joana d’Arc, torna-se grande intermediária entre dois mundos; exposta a terríveis perseguições, é traída pelo rei³ que ajudou a coroar, condenada pela Inquisição, por heresia; é martirizada e queimada. Serena e liberta, esclarece [7]:

Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentindo na fronte o ósculo do perdão da minha própria consciência [...].

5.1. A MISERICÓRDIA DIVINA E O AUTOPERDÃO

No capítulo I, de O Livro dos Espíritos [13], encontramos descritos como um dos atributos de Deus que é *soberanamente justo e bom*: “A sabedoria providencial das leis divinas se revela assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da Justiça nem da Bondade de Deus”. Amor, misericórdia e justiça conjugam-se juntas.

No conceito humano, o mesmo não ocorre. Neste caso, o entendimento está voltado em partes para a justiça como punição, pagamento de uma falta, um castigo. O conceito de bondade não se relaciona com justiça no senso comum, tornando-se questões distintas.

O jugo leve é uma referência no Evangelho que auxilia na reflexão sobre a misericórdia e o amor de Deus “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus, 11:28-30).

Judas se enquadrava neste perfil: sobrecarregado e aflito. Todos os seus movimentos denotaram isso. No momento grave em que se percebeu traindo o Cristo, ele não buscou Jesus para o alívio que precisava por não compreender sua brandura e misericórdia. Após o crime, Judas buscou a autopunição, as vias da dor, conquanto tinha a possibilidade de se reerguer pelo exercício do amor e prática da caridade, assim como fizeram os demais apóstolos após também passarem por dúvidas e vacilos morais.

O cristão nos dias atuais ainda vivencia, comumente, a invigilância e os erros. A imperfeição, entretanto, não deve flagelar perpetuamente o espírito pois é da Lei que caminemos para o progresso e para a felicidade. A culpa torna o jugo pesado e cria armaduras que dificultam a

³ Rei Carlos VII, de Valois, chamado o Vitorioso, foi Rei da França de 1422 a 1461.

libertação das mazelas que se dá pelo exercício do bem, buscando o reajuste das ações, pensamentos e sentimentos. O Espírito Emmanuel discorre [14]:

Espíritos culpados! Somos quase todos. A Perfeita Justiça, porém, nunca se expressa sem a Perfeita Misericórdia, e abre-nos a todos, sem exceção, o serviço do bem, que podemos abraçar na altura e na quantidade que desejarmos, como recurso infalível de resgate e reajuste, burilamento e ascensão.

Misericórdia é a presença Divina em todos os momentos da vida do espírito. É o apoio no momento do sofrimento; a companhia no momento da solidão; o braço estendido no momento da queda para nos reerguermos; a luz da inspiração que ilumina o pensamento; a voz que corrige quando erramos. Contando novamente com a contribuição de Emmanuel, na mensagem Divina Presença [15], ele ensina:

Aprendamos a amar e a respeitar esse Alguém, como quem sabe que estamos nele como o fruto da árvore, e, se caíste tão fundo que todos os afetos te hajam abandonado, mesmo aí, nas dores da culpa, recorda que a justiça te golpeia e purifica em direitura do supremo resgate, porque nunca estiveste distante da presença de Deus.

A Providência Divina corrige amando e não punindo. A Mensagem Amor e Perdão, contida no Livro Coração e Vida [16], exemplifica o que é misericórdia. O poema faz referência à passagem evangélica, em que Jesus apareceu materializado à Maria Madalena após o terceiro dia de sua morte:

[...]

– “Não Maria, não fui ainda ao Alto,
Nem me elevei sequer um palmo à luz do firmamento,
Quem ama não consegue achar o céu de um salto...
Ao invés de subir aos Altos Resplendores,
Desci, mas desci muito aos reinos inferiores...
Despertando no tumulto, escutei
Os gritos de aflição de alguém que muito amei
E que muito amo ainda...

[...]

Fui à sombra abismal para a grande procura
E ao reencontrá-lo, amargurado e louco,
A ponto de não mais me conhecer,
Demorei-me a afagá-lo e, pouco a pouco,
Conseguí que ele enfim, pudesse adormecer...”

– “Senhor” – interrogou Madalena
“Quem é o amigo que te fez descer,
Antes de procurar a Luz do Pai?”

Mas Jesus replicou em voz clara e serena:

– “Maria, um amigo não esquece a dor de outro amigo que cai...
Antes de me alhear à Celeste Alegria,
Ao sol do mesmo amor a Deus, em que te elevas,
Vali-me após a cruz, das grandes horas mudas,
E desci para as trevas,
A fim de aliviar a imensa dor de Judas.

Jesus, ao buscá-lo, e falando sobre a oportunidade de reparação, nos ensina que não existe um crime para o qual não haja perdão, que se constitui no trabalho de reabilitação perante a própria

consciência. Diante da fraqueza do amigo, Ele não o desampara e muito menos deixa de amá-lo. Compreende sua natureza imperfeita, transitória, e imprime sentimentos e ações para ajudá-lo.

Em redação do Momento Espírita [17], com base no poema Retrato de Mãe, de Maria Dolores – Livro Momentos de Ouro, encontramos:

[...] Judas, o traidor, agora cego no Além, estava solitário e profundamente triste...

Cansado de remorso e sofrimento, sentou-se e as lágrimas brotaram quentes de seus olhos melancólicos....

Naquele instante, nobre mulher, vinda de planos superiores, envolta em celestes esplendores, que ele quase nem conseguia perceber, chega e afaga a cabeça do infeliz.

Em seguida, num tom de carinho profundo, quase que em oração, ela diz:

– *Meu filho, por que choras?*

– *Por acaso não sabes?* Responde o interpelado, claramente transtornado. *Sou um morto-vivo. Matei-me e novamente estou de pé, sem consolo, sem lar, sem amor, sem fé...*

Não ouviste falar de Judas, o traidor? [...]

Afasta-te de mim, deixa-me padecer neste inferno sem fim... [...]

No entanto, a dama calma respondeu:

– *Meu filho, sei que sofres. Sei da dor que te causa o remorso que escutas.*

Venho apenas falar-te que Deus é sempre amor em toda parte. E acrescentou serena:

A bondade do Céu jamais condena. Venho como mãe, buscando um filho amado. [...]

E Judas, naquele instante, como quem esquece a própria dor ou como quem se desgarra de pesadelo atroz, perguntou:

– *Quem és tu, que me falas assim, sabendo-me traidor? És divina mulher, irradiando amor ou anjo celestial envolto em luz?*

No entanto, ela ao olhá-lo frente a frente, respondeu simplesmente:

– *Meu filho, eu sou Maria, mãe de Jesus.*

Os dois poemas acima citados relatam o amparo dado a Judas por força do amor e da amizade. Mesmo Judas, aquele marcado como o grande traidor na história do Cristianismo, recebe a expressão do amor como misericórdia de Deus.

No Livro dos Espíritos, capítulo que trata das penas e gozos futuros [18], recolhemos os ensinamentos de Paulo, o apóstolo:

Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação [...]. Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento [...] O castigo só tem por fim a reabilitação, a redenção. [...] Oh! em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da Criatura.

A visão dos antigos de um Deus que pune, que é duro, ainda parece estar presente em alguns de nós, como resquícios de antigas crenças ou como uma compreensão ainda pálida do amor do Pai

para com suas criaturas. Paulo, no texto acima, pede que cessemos de pôr em paralelo o Bem e o Mal, ou seja, que paremos de equiparar ou assemelhar o que vem de Deus com o que procede da criatura.

Na questão 1009, de O Livro dos Espíritos [19], é perguntado: “Assim, as penas impostas jamais o são por toda a eternidade?”. Santo Agostinho responde:

Interrogai o vosso bom senso, a vossa razão e perguntai-lhes se uma condenação perpétua, motivada por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. [...] a justiça não exclui a bondade e Ele não seria bom se condenasse a eternas e horríveis penas a maioria das suas criaturas.

Acerca do Autoperdão, trazemos os ensinamentos do apóstolo Pedro: “Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque *o amor cobre uma multidão de pecados*” (I Ped 4:8). O autoperdão é uma consequência do autoamor. Diz o Espírito Hammed “À medida que aprendemos a nos amar adquirimos uma lucidez que nos proporciona identificar nos conflitos um alerta de que estamos indo na direção contrária à nossa maneira de sentir e de pensar” [20]. Se o termo perdoar pode ser considerado o ato de compreender a dificuldade do outro, o autoperdão significa compreender as próprias dificuldades. Num processo sistêmico, exercitando o autoperdão, exercitamos o perdão ao próximo.

É necessário acolher nossos defeitos para poder tratá-los. Presos a um passado de delitos, fixamo-nos aos fatos idos e nos aprisionamos, o que naturalmente cria empecilhos para o crescimento no presente. “Perdoar-nos elimina a ideia fixa no remorso por algo que aconteceu ontem e a ansiedade do que poderá ser revelado ou vir a acontecer amanhã” [21].

Alírio Cerqueira [22] propõe cinco sentimentos básicos para que o espírito possa desenvolver o autoamor, sendo eles: autoestima, autoaceitação, autoconfiança, autovalorização e autorrespeito. Esses sentimentos denotam ação por parte de quem os sentem. Para seguir Jesus, precisamos ir ao Seu encontro.

A grande reabilitação do espírito endividado é perante a sua própria consciência; mas para se reabilitar, é preciso se reconhecer, se aceitar e trabalhar para a transformação necessária. O autoperdão é passo para estar aberto às novas aquisições do espírito.

6. APRENDIZADOS

Ao longo do estudo, obtive muitos aprendizados, mas primeiramente enfatizo que o desenvolvimento do artigo reforçou a ideia de que cada personagem e cada cena retratada no Evangelho de Jesus tem um aspecto pedagógico. Não foram elas vivenciadas e trazidas por Jesus por acaso. São lições de extrema beleza que, no entanto, requerem um olhar mais atento para cada nuance, seja das personagens, das histórias, dos diálogos e das mensagens do Cristo. O primeiro aprendizado, portanto, é de que o Evangelho de Jesus deve ser *estudado* por todos os cristãos, observando as entrelinhas, o implícito e o explícito. Somente assim poderemos mergulhar e obter maiores aprendizados e recursos inestimáveis para nossa existência, enquanto espíritos imortais.

A figura de Judas Iscariotes começou a chamar minha atenção a partir do momento em que tive oportunidade de encenar a peça teatral “D’Arc”⁴. Estudos sobre o texto teatral revelaram as nuances e conexões entre as personagens Judas e Joana d’Arc, que me levaram a refletir sobre a

⁴ Peça teatral escrita por Rodrigo Junqueira, encenada nos anos de 2004 e 2014. Trabalho desenvolvido pelos trabalhadores da arte da Fundação Allan Kardec, e com a chancela desta, tendo sido encenada na própria Casa e nos teatros La Salle e Amazonas.

misericórdia divina, a necessidade do autoperdão e a beleza do processo de regeneração do Espírito endividado. Tive uma segunda oportunidade de pesquisar sobre Judas Iscariotes, por meio da construção de um trabalho apresentando no Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)⁵, ocasião em que foi realizada uma pesquisa sobre a vida dos apóstolos.

Num primeiro momento, tocava-me profundamente pensar na imensa dor e no arrependimento desse irmão, considerando que sua falta foi cometida diretamente contra o Cristo, com consequências para a humanidade. Naturalmente, esta falta era acolhida em meu coração possivelmente por contrastar com os meus próprios sentimentos de culpa quando supponho os erros cometidos contra as leis divinas.

O estudo e a reflexão mais acurada me proporcionaram terapia, observando com mais atenção a lição do Cristo, em que o amor e a misericórdia nunca faltaram para aquele irmão, considerado o grande traidor por toda a humanidade. Nas atitudes de Jesus e por seus ensinamentos, assentei em meu coração a lição de que quando infringimos as leis de Deus, infringimos nossa própria consciência. A reencarnação como Joana d’Arc foi um processo de expurgo, de libertação. Sua coragem, renúncia e fé me emocionam até hoje e me motivam a travar em mim o bom combate.

O trecho do livro Joana d’Arc Médium, por Léon Denis [23], para mim exprime um momento belíssimo de libertação e marco do resgate desse espírito cujas experiências contribuem muito para mim e supponho para todos aqueles que puderem extrair da vida de Jesus as lições para a vida eterna.

Oitocentos soldados ingleses a escoltam. [...] Querem que o suplício seja longo, a fim de que a virgem, vencida pela dor, grite implorando graça, renegue sua missão e de suas vozes. [...] Joana se ajoelha. Nesse momento solene, em presença da morte que se avizinha, sua alma se desprende das sombras terrenas e entrevê os esplendores eternos. Ora em voz alta, em prece extensa e fervorosa. Perdoa a todos, a seus inimigos e algozes. As inflexões de sua voz emocionam a multidão. Os próprios juízes, tigres de feições humanas [...], todos choram. Pouco lhes dura, porém, a emoção. O cardeal faz um aceno e Joana é amarrada por fios de ferro ao poste fatal...”

[...] Os carrascos põem fogo à lenha [...] A chama cresce, corre, serpeia por entre pilhas de madeira. O Bispo de Beauvais acerca-se da fogueira e grita-lhe: “Abjura!” Ao que Joana, já envolvida num círculo de fogo, responde: “Bispo, morro por vossa causa, apelo do vosso julgamento para Deus! ”

As labaredas rubras, ardentes, sobem. [...] Alguns minutos depois, em voz estridente, lança à multidão silenciosa, aterrorizada, estas retumbantes palavras: “Sim, minhas vozes vinham do Alto. Minhas vozes não me enganaram. Minhas revelações eram de Deus”. [...]

Suas vestes incendiadas se tornam uma das centelhas da imensa pira. Ecoa um grito sufocado, supremo apelo da mártir de Ruão ao mártir do Gólgota: “Jesus!”.

Que nosso coração, ardente de vontade de honrar o Cristo, brade sonoro como o grito libertador de Joana: “Jesus”! Mas convertamos nosso brado através do exercício do amor, pois não precisamos passar pelo martírio, lembrando sempre que “o amor cobre a multidão dos pecados”!

⁵ Estudo sistematizado que ocorre na Fundação Allan Kardec, através da Diretoria de Estudos Doutrinários – DED.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Particularmente, no preparo desse artigo, consegui sistematizar e perceber a conexão entre os conteúdos: invigilância diante dos ensinamentos do Cristo – vacilo moral – remorso – culpa – misericórdia – libertação pelo autoamor e autoperdão – necessidade de reconhecimento da condição de filho e Deus e aprendiz.

A traição de Judas traz o ensinamento da fragilidade humana que se dá pela nossa invigilância, pela inobservância da nossa realidade espiritual, da atenção maior que ainda damos às coisas do mundo e a dificuldade em estabelecer uma agenda para o espírito imortal, que é uma consequência da visão mais consciente da vida futura. O triunfo no mundo físico ainda ganha espaço de maior destaque em detrimento do triunfo sobre nossas mazelas morais.

Um trecho do relato do personagem Judas na narrativa de Humberto de Campos [13] nos faz constatar o seu aprendizado e a vivência do autoperdão. Ele comenta:

Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém estou saciado de justiça, *porque já fui absolvido pela minha consciência*, no tribunal dos suplícios redentores. (grifo nosso).

A “absolvição” da própria consciência é o autoperdão, processo necessário para caminharmos rumo ao nosso reerguimento e libertação. As ocorrências infelizes devem ser olhadas como lição. Para nos apaziguarmos é necessária a reparação que exige esforço, vontade e perseverança, mas principalmente nos exige amar. ‘

Outra importante lição que ainda vai merecer contínuas reflexões, convidando-nos ou convocando-nos a observar melhor nossa trajetória como cristãos, é o “recado” que Judas dá, ainda em referência à mensagem de Humberto de Campos [13].

[...] “infinita é a sua misericórdia e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas vendendo-o aos seus algozes, há muito séculos; *Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços*, em todos os padrões do ouro amoeado...”. [...]

– É verdade – concluí –, e os novos negociadores do Cristo não se enforcam depois de vendê-lo. (aspas no original, grifo nosso)

Oportuna a observação para todos os cristãos de hoje. Quantas vezes temos repetido padrões do passado e ainda, não na palavra, mas na prática, continuamos vendendo o Cristo. Para mim, Judas representa um estereótipo ou arquétipo de muitos religiosos, no qual ainda me incluo, e seus comportamentos perante o Cristianismo. Penso que nos colocamos algumas vezes na condição desse apóstolo.

Amamos o Cristo, é bem verdade. Mas quantos de nós também já não o traiu ou têm traído, em razão das próprias vicissitudes? Por muitas vezes, ainda agimos em nome D’Ele, entretanto, de fato estamos agindo pelos nossos interesses, moldados em nossas interpretações dos ensinamentos ou em nossas vontades que por vezes não condizem com as do Pai.

Para finalizar, trago dois trechos de mensagens que tratam das Penas e Gozos Futuros [24, 25], que entendo trazerem a essência da lição que pode ser extraída ao olharmos para o personagem Judas Iscariotes.

Pobres ovelhas desgarradas, aprendei a ver aproximar-se de vós o Bom Pastor, que, longe de vos banir para todo o sempre de sua presença, vem pessoalmente ao vosso encontro, para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, *deixai o vosso voluntário exílio*; encaminhai vossos passos para a morada paterna. O Pai vos estende os braços e está sempre pronto a festejar o vosso regresso ao seio da família. – Lamennais (grifo nosso)

Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da Terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na ideia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo. – Platão

8. REFERÊNCIAS

- [1] XAVIER, Francisco C. *Coração e Vida*. Pelo Espírito Maria Dolores. São Paulo: Ideal, 1978.
- [2] *Idem*. *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37ª ed. 4 imp. Brasília: FEB, 2014.
- [3] *Ibidem*, mensagem 5, p. 40.
- [4] XAVIER, Francisco C. *Luz Acima*. Pelo Espírito Irmão X. 12.ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 44, p. 112.
- [5] *Idem*. *Lázaro Redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 12ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.
- [6] *Idem*. *Crônicas de Além-Túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 17ª ed. Brasília: FEB, 2013.
- [7] *Ibidem*, p. 36.
- [8] FILHO, Alírio C. *A Prática da Mediunidade com Jesus*. 1ª ed. Cuiabá: Editora Espiritizar, 2012.
- [9] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93ª ed. Brasília: FEB, 2013, p. 433.
- [10] *Ibidem*, p. 101.
- [11] FILHO, Alírio C. *A Prática da Mediunidade com Jesus*. 1ª ed. Cuiabá: Editora Espiritizar, 2012, p. 13.
- [12] *Ibidem*, p. 164.
- [13] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93ª ed. Brasília: FEB, 2013, p. 59.
- [14] XAVIER, Francisco C. *Justiça Divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 9ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, p. 38.
- [15] *Ibidem*, p. 105.
- [16] *Idem*. *Coração e Vida*. Pelo Espírito Maria Dolores. São Paulo: Ideal, 1978, p. 27.
- [17] Momento Espírita. *Judas e Maria*. [s.d.]. Curitiba, em 11 de fev. de 2014. Disponível em: http://www.momento.com.br/pt/ler_texto.php?id=2740&let=&stat=0. Acesso em: 21 de abr. de 2020.
- [18] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93ª ed. Brasília: FEB, 2013, p. 452.
- [19] *Ibidem*, p. 449.
- [20] NETO, Francisco do Espírito Santo. *Um Modo de Entender – uma nova forma de viver*. Pelo Espírito Hammed. 2ª ed. Catanduva: Editora Boa Nova, 2004, p. 16.

- [21] *Idem. Os Prazeres da Alma. Pelo Espírito Hammed. 4ª ed. Catanduva: Editora Boa Nova, 2003, p. 177.*
- [22] FILHO, Alírio C. *A Prática da Mediunidade com Jesus. 1ª ed. Cuiabá: Editora Espiritizar, 2012, p. 77-78.*
- [23] DENIS, Léon. *Joana d’Arc Médium. 1ª ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008, p. 180-182.*
- [24] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos. 93ª ed. Brasília: FEB, 2013, p. 450.*
- [25] *Ibidem, p. 451.*